



FOLHA INFORMATIVA ESPECIAL N°01-2011

MEMÓRIA DA TERRA E DO MAR - IV

Os mais pobres dos pobres e o mais belo barco do mundo

Embora não sendo uma área dotada de um porto oceânico a partir do qual tivessem sido feitas navegações do alto mar, de pesca ou de comércio, o caso particular de Mira e da sua (futura) Praia de Mira, a partir da Idade Média, no coração do litoral da Gândara, entre a promissora área portuária da ria de Aveiro e a consagrada e rica (mas, depois decadente) área agrícola e portuária do Baixo Mondego, deve merecer-nos uma especial atenção.

Tal como nas vizinhas regiões coimbrãs e montemorenses do Baixo Mondego, aqui deverá ter havido também, já desde antes da Idade Média, uma importante influência árabe e moçárabe, vinda da Antiguidade (João Reigota e os outros historiadores locais de Mira ensinam-nos isso, e certamente têm boas razões para defender essa posição).

Tal quererá dizer que aqui se terá dado uma miscigenação ainda mais alargada, mais plural e mais enriquecedora, na génese das populações gandraesas e mirenses. Uma miscigenação entre, por um lado, esses elementos mediterrâneos (romanos, islâmicos e moçárabes) e, por outro lado, os elementos nórdicos (celtas, galegos, etc.) que depois se avolumaram nos séculos da Idade Média e cuja presença está bem patente nas áreas portuárias vizinhas, como Aveiro ou Buarcos (e que, poderemos acrescentar, a partir dessas áreas portuárias de Aveiro e Buarcos veio a ser uma presença decisiva, no século XV, nas pescas portuguesas de alto mar e nos reconhecimentos geográficos dos “Descobrimentos Portugueses”).

Tratou-se, na Gândara, de um enriquecedor caldo de cultura, que fez do mirão e do gandarês – no século XVII, nas terras de São Tomé do Infante Dom Pedro ou na Tocha de João Garcia Bacelar – um homem (com sua mulher) particularmente rico... (!) na sua pobreza...! Um homem formidável, no centro do seu próprio mundo, capaz de construir o seu próprio mundo. Um homem e a sua própria mulher, sozinhos com Deus e o Mar...

Faça-se aqui um parêntesis para dizer que, na verdade, infelizmente, só foi pena que não estivessem verdadeiramente sozinhos... Pois, no século XV, a guerra civil portuguesa culminou na batalha de Alfarrobeira, levou ao assassínio do Infante Dom Pedro e, por isso, levou à interrupção (temporária...) da prosperidade e da paz social que a justiça da sua governação estava a trazer para as populações das suas regiões litorais de Aveiro ou de Mira... E, no século XVII, o Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, depois de João Garcia Bacelar ter morrido, veio roubar à sua mulher as suas terras da Tocha, que ele havia desenvolvido e deixado à sua viúva (faltavam as escrituras, em que os intelectuais de Coimbra, embora não soubessem cavar nem pescar, eram especialistas...).

Enriquecedor sincretismo cultural, que fez da pequena terra de Mira, à sua maneira, um “centro do mundo”... - o centro do seu próprio mundo... (!) -, e fez do mirão e do gandarês (tal como, de resto, também aconteceu em alguma menor medida com o varino, com o Ílhavo, e com outros anfíbios demiurgos do húmus da terra e do mar da Ria) um homem paradoxal e formidavelmente rico: corajosamente tenaz, dinamicamente trabalhador, heroicamente estóico, pacientemente vencedor. Um camponês e pescador, tão pronto para o estoicismo da heroicidade como para o instante do heroísmo. Um homem sozinho consigo mesmo. Teimosamente fiel a si próprio, ao seu futuro e ao seu destino. Tão capaz de ser céptico e desconfiado quão capaz de ser voluntarioso e solidário.

Enfim, uma gente poderosa e desembaraçada – um Homem livre (à sua própria maneira...) -, capaz de dar remédio a essa mesma pobreza desde Cantanhede até à Amazónia (e regressando...).

Repetimos: um homem e a sua mulher – a qual, como toda a gente sabe, “vale por sete” (e é central no meio de toda esta história...) -, capazes de inventar e construir o próprio chão que pisam... de fecundar a terra... de construir o seu mundo, centrados em si próprios, como Adão e Eva de um novo jardim, que não era um jardim, e que eles próprios tiveram de criar, pelas suas próprias mãos, entre o Norte e o Sul, o Ocidente e o Oriente... sozinhos com Deus e o Mar...

O autor destas linhas já teve ocasião de, no passado, escrever no jornal *Voz de Mira* (em Agosto e Setembro de 2006) acerca desse enriquecedor e invulgar intercâmbio de culturas e de civilizações que, por fim, aqui ficou patente no espantoso e interessantíssimo resultado de o mirão e o gandarês terem acabado por desenvolver formas de sincretismo entre o nosso Santomé (o santo particularmente moçárabe...), e o nosso Santiago (o santo particularmente galego...) ...!



Um homem e uma mulher como estes – os Gandareses – mereciam um santo assim. E, sem dúvida, por isso, o criaram, para si próprios.

Eles são capazes de criar. Cultivam.

Alfredo Pinheiro Marques,

Director do Centro de Estudos do Mar – CEMAR;

Coordenador do Museu da Terra e do Mar, de Mira.